



VILLAGRAN CABRITA — Achegas para uma biografia

Luiz Gonzaga de Mello

Este é o primeiro de uma série de artigos que, pelo seu conteúdo e pela sua forma, destinam-se a transformar-se em livro. Apresentam aspectos da vida do patrono da Arma de Engenharia, cuja biografia, escassamente conhecida, carece ainda de um tratamento bibliográfico consagrador.

ENCONTRO ENTRE GRANDES SOLDADOS — OSÓRIO E CABRITA

A Correspondência e o Diário de guerra legados à posteridade por Villagran Cabrita, e zelosamente guardados por seus herdeiros, a par de preciosas informações de caráter militar, fornecem, também, referências deveras interessantes sobre outros setores. Dizem respeito, por exemplo, às pessoas dos combatentes brasileiros em geral, seus chefes, comandantes, oficiais de variados postos, e praças de pré, entre as quais seu bagageiro e seu camarada.

Entre elas, estão os dois trechos a seguir, bem curtos, porém assaz expressivos, selecionados para compo-

rem singela homenagem ao Patrono da Arma de Engenharia, cuja personalidade e aspectos de vida devem constituir objeto permanente de nossas mais caras preocupações patrióticas.

O Trecho n.º 1 está contido na *Correspondência*, na carta de n.º 3, escrita no acampamento junto ao arroio Daymán, distante duas léguas da vila do Salto, no Estado Oriental. Não está datada. O missivista declarou, somente, que ela era de "junho de 1865".

Suponho que a carta n.º 3 tenha sido escrita entre 19 e 26 de junho, enquanto ainda aí estacionados. No último dia citado, o 1.º Batalhão de Fuzileiros e o Batalhão de Engenheiros marcharam para o passo do Corralito,

onde o Exército estava atravessando o Uruguai. A carta seguinte traz a data de 1º de julho. Nela são feitas referências a esses tópicos.

O Trecho n.º 2 aparece no *Diário*, registrado no dia 19 de junho. Bem menos extenso, ele complementa e reforça, tão-somente, a idéia e os dizeres contidos no anterior.

João Carlos de Villagran Cabrita e Manoel Luís Osório conheceram-se em 1825. É bem provável, em circunstâncias especiais, não se tendo avistado desde então. O garoto andava pelos seus cinco anos e o rapa-

zola, pelos seus 17. E, ao que parece, não se lembraram do fato, ao se reencontrarem, em 1865, pois nenhuma alusão fizeram ao acontecido anteriormente.

Villagran Cabrita, agora, em 1865, era major. Osório, ainda brigadeiro.

* *

Francisco de Paula de Avelar Cabrita viera, em 1816, no posto de tenente, com a divisão lusitana dos Voluntários Reais do Príncipe, às ordens do Tenente-General Carlos Fre-

“Apresentamo-nos ao General Osório, que é um belo homem, despido de toda etiqueta, tratando a todos por você. Perguntou-me de onde me vinha o nome de Cabrita. E, dizendo-lhe eu filho de quem era, deuse por conhecido. Perguntou-me por Mamãe e disse-me que a tinha conhecido quando ele tinha 17 anos. Já vêes que não estou mal recomendado para com ele.”

Apresentamo-nos ao General Osório, que é um bello homem, despido de toda etiqueta, tratando a todos por você. Perguntou-me de onde me vinha o nome de Cabrita, e dizendo-lhe eu filho de quem era, deuse por conhecido, perguntou-me por Mamãe e disse-me que a tinha conhecido quando elle tinha 17 annos, já ves que não estou mal me comendado p.º com elle

Reprogratura do Texto n.º 1

“Fomos nos apresentar ao General-em-Chefe, Osório, que nos tratou com toda a singeleza de um homem do campo e sem a mínima cerimônia.”

esta dia 19 fomos nos apresentar ao General-em-Chefe Osório que nos tratou com toda a singeleza de um homem do campo e sem a minima cerimonia

Reprogratura do Texto n.º 2

derico Lecor. Diversos de seus oficiais, incentivados mesmo pelo exemplo do ilustre e quase sexagenário comandante, contraíram matrimônio com moças da melhor sociedade local.

A jovem D^a Polônia de Villagran, muito plausivelmente, de origem castelhana, residia com seus familiares, na cidade de Montevideú.

A moça espanhola e o tenente português conheceram-se, enamoraram-se e casaram-se. Ela veio a ser a mãe do menino João Carlos de Villagran Cabrita, nascido naquela importante cidade rio-platense, aos 30 de dezembro de 1820.

* *

O 1º Batalhão de Fuzileiros, veterana unidade, vinda de Portugal, depois de sucessivas reorganizações do Exército Brasileiro, ficou bem conhecido, e por longo prazo, na guarnição, e pelo povo carioca, como o 1º RI (1º Regimento de Infantaria), aquartelado na Vila Militar. Em honra do valoroso Comandante da Divisão Couraçada, de durante a guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai, recebeu a denominação histórica de Regimento Sampaio. Sua numeração e a denominação vigentes, mas abreviadas, são: 1º B I Mtz (Es), que se lêem: 1º Batalhão de Infantaria Motorizado (Escola), que lhe foram atribuídas em 1972.

O Batalhão de Engenheiros, criado e organizado em 1855, após sucessivas reorganizações do Exército, mu-

danças de parada, troca de denominações, adoção de novas destinações, ostenta, hoje em dia, a numeração e a denominação abreviadas de: 1º B E Comb, que se lêem, correntemente: 1º Batalhão de Engenharia de Combate. Acha-se aquartelado em Santa Cruz, subúrbio carioca. Em honra do seu valoroso comandante, morto em seu posto de comando, é oficialmente conhecido e publicamente enaltecido como Batalhão Villagran Cabrita, nome também do Patrono da Arma de Engenharia, o denodado comandante da guarnição mista, exclusivamente brasileira, que ocupou a tornada célebre ilha da Redenção, organizou-lhe as obras de defesa, manteve-se à frente da tropa em todos os instantes da sem quartel e feroz luta travada, e repeliu os sucessivos ataques fluviais das vagas de assalto e forças de desembarque paraguaia, frustrando-lhes atingissem o objetivo visado.

As duas unidades, o 1º Batalhão de Fuzileiros e o Batalhão de Engenharia, marcharam juntas para o passo do Corralito. A unidade especializada, o Batalhão de Engenheiros, deslocava-se, de hábito, enquadrada por uma ou duas unidades combatentes. Villagran Cabrita, em sua *Correspondência* e no *Diário* de guerra, enuncia quais elas eram. As mesmas consideravam uma honra a missão de apoiar e defender a unidade especializada durante suas marchas e na execução de seus trabalhos técnicos. E chegavam a disputar esse privilégio. Mais tarde, a criação de uma Brigada,

em caráter especial, daria composição permanente a essa tropa, de especialistas e de combatentes. Embora o Batalhão de Engenheiros fosse dotado de arma de fogo, arma branca e de munição, para a defesa eventual de seu pessoal, do material e dos canteiros de obras, tornava-se imperiosa a presença de tropa combatente a isso destinada, com exclusividade, sempre vigilante e pronta para uma ação bélica imediata.

João Antônio Lavalleya e seus companheiros, vindos da Argentina, desembarcaram na praia da Agraciada, território uruguaio, em 19 de abril de 1825. Começou, a partir desse empreendimento, a luta armada, no próprio chão uruguaio, visando à independência da Província Cisplatina.

O então Capitão Cabrita encontrava-se no comando de forças brasileiras guarnecendo a povoação de Mercedes, no Departamento de Rio Negro, à margem esquerda do rio do mesmo nome.

A 25 de agosto daquele ano, a pequena guarnição foi atacada, altas horas da noite, pelos insurgentes. D.^a Polônia e o filho, criança de uns cinco anos de idade, achavam-se presentes também nessa localidade.

A luta foi renhida, mas os atacantes não lograram penetrar na povoação, para tomá-la e ocupá-la, após matar ou expulsar os seus combativos defensores.

A tradição oral familiar guardou a lembrança daquela mulher destemida, que, empunhando uma arma, ao lado do marido, nos lugares de

maior perigo, participava da defesa da praça de guerra, dando invulgar exemplo de coragem e determinação, infundindo ânimo na soldadesca e conclamando a guarnição a resistir, combater e vencer.

Os atacantes, menos ardorosos e decididos, desistiram de seus intentos e se retiraram, ante a aproximação de tropas imperiais, indo em busca de outros lugares e de adversários, para continuarem a luta em prol da independência da Cisplatina.

As tropas de terra foram secundadas pelo apoio de fogos da barcanhoneira "D. Sebastião", de nossa incipiente Marinha de Guerra.

* *

Manoel Luís Osório esteve combatendo, valentemente, por aquelas bandas e criando renome. Soube do ocorrido em Mercedes, do desempenho da guarnição e da façanha da esposa do comandante. Veio, pouco depois, a conhecer o casal Cabrita e o filho, pessoalmente.

Osório, nascido em 1808, já se tornara alferes de Cavalaria, por essa época em que conheceu os Cabrita. O agora Brigadeiro Osório, encanecido, lembrou-se daqueles tempos de moço, de fatos e de pessoas. E disse ao filho da mulher valorosa, agora major e seu comandado, que a tinha conhecido quando ele mal contava 17 anos de idade. Já se tinham passado 40 anos. Podia não se lembrar das coisas, ou, até, omiti-las. Fez questão, porém, de relembrá-las e

revelá-las. Uma homenagem aos pais ao filho, este, ali presente, em companhia de parte da oficialidade do Batalhão de Engenheiros, de que era oficial, ou Subcomandante.

* *

Villagran Cabrita escreveu essas mensagens do encontro com Osório marcado de evidente orgulho filial. Pura, não? Um elogio para a mãe dele, que leria a referência na carta remetida para a nora dela. A idosa senhora constataria que não tinha sido esquecida pelo jovem oficial de Calatayud, um rapazola, naqueles tempos recuados, que dela ainda se lembrava, agora, com carinho e admiração, depois de tanto prazo transcorrido.

Não. Villagran Cabrita não estava ali recomendado para com o Brigadeiro Osório. Só não sabia ele que, por sua vez, haveria de dar exemplo inimitável de determinação, desprendimento, coragem e bravura, culminando com o sacrifício da própria vida.

SIGNIFICATIVO DEPOIMENTO SOBRE O PATRONO DA ENGENHARIA

Convém citá-lo, pois constitui testemunho abonador de virtudes e qualidades pessoais e profissionais de Villagran Cabrita. Haverá outras provas, e melhores do que esta, prestada espontaneamente e tão distanciada no

tempo? Aquela que o General Dionísio Evangelista de Castro Cerqueira inseriu em capítulo especial de seu livro póstumo? Poderia existir juízo mais categorizado e imparcial que ele?

Em suas excelentes “Reminiscências da Campanha do Paraguai”, publicadas em livro quarenta anos após o término do sangrento e ceifador conflito, o autor assim se pronunciou sobre a personalidade de João Carlos de Villagran Cabrita:

“...Todos queriam, veneravam todos o Tenente-Coronel Villagran Cabrita, sempre bom, austero e nobre.”

Essas palavras valem por uma consagração. Uma afirmativa pública do seu caráter adamantino. Poucas, simples e assaz reveladoras. A síntese de uma vida profícua e exemplar.

Dionísio Cerqueira, veterano combatente, testemunha visual e auricular da encarniçada luta dentro e fora da ilha da Redenção e da espetacular vitória alcançada, escritor, historiador e geógrafo, abalizado, sério e imparcial, não se limitou a usar um único adjetivo qualificativo. Empregou três deles: *bom, austero e nobre*, todos de grande expressividade. E precedeu-os, conscientemente, por expressar a verdade de um advérbio de tempo: *sempre*. Destarte, e fazendo justiça às qualidades e virtudes que lhe fora dado distinguir tão bem em seu ex-instrutor, quis evidenciar a constância e perenidade com que Villagran Cabrita externava essas mesmas virtudes e qualidades, sumamente apreciáveis em um ser

humano. Mormente em quem se depositam os encargos e as responsabilidades na formação de jovens educandos, futuros profissionais.

Dionísio Cerqueira, paisano, estudante de Engenharia, cursando o 2º ano da Escola Central, no Largo de São Francisco, ao estourar o conflito tinha sido instruindo de Villagran Cabrita nos exercícios militares a que se submetiam os alunos dessa escola de ensino superior, mais adiante denominada Escola Politécnica.

A personalidade invulgar do instrutor devia ter causado funda e favorável impressão no instruindo, provinciano, de recente estada na Corte, rapazola de seus 17 anos de idade. Tanto que, cerca de meio século depois de pacificados os ânimos e da morte do oficial instrutor, o então General Dionísio Cerqueira ainda se lembraria dos atributos pessoais constatados no oficial artilheiro, e os lançaria, por escrito, em movimentadas e interessantes páginas de seu apreciável livro de reminiscências.

O curioso e elogiável reside no fato de o ex-instruindo sintetizar, em três únicos qualificativos, porém de alta significação, a personalidade ímpar de seu antigo instrutor, de cujas virtudes e qualidades não pudera esquecer, malgrado o transcorrer do tempo, inexorável enfraquecedor da memória humana.

Dionísio Cerqueira poderia ter omitido o depoimento elogioso sobre o caráter de seu ex-instrutor, o comandante da valorosa, invicta guar-

nição brasileira. Justo e sereno, não quis deixar de se pronunciar sobre o herói daquele dia glorioso, sacrificado em seu posto de comando, poucas horas após a vitória retumbante de nossas armas, exclusivamente brasileiras, já em território paraguaio.

Além do uso dos qualificativos e do advérbio, outras classes de palavras também merecem o devido destaque.

Por exemplo, aquele pronome pessoal indefinido, no plural, sujeito de dois verbos, e sem ser acompanhado de ressalvas quantitativas. Da primeira vez, aparece precedendo o verbo. Da segunda, pospondo-se a ele. A repetição do pronome, *todos*, realça, grandemente, o conceito expedido pelo General Dionísio Cerqueira. E o torna peremptório. Não havia exclusão no rol de indivíduos, certamente, bem extenso. *Todos*, de forma absoluta, porquanto não cabia restrição. Ela era inexistente.

Não apenas entretanto o uso dos qualificativos, do advérbio e do pronome merecem destaque. Há, ainda, dois verbos, com muita propriedade inseridos no conciso texto: *queriam* e *veneravam*. Ambos com variadas acepções.

Vejamos, tão-só, as que cabem na referência citada:

- Querer, é ter afeição a alguém, é gostar dessa pessoa, é estimá-la, também.

- Venerar, é tributar grande respeito a alguém, ter essa pessoa em alta consideração, é tratá-la com respeito e afeição, é acatá-la.

De fato, todas essas palavras valem por uma consagração definitiva.

Convém lembrar que, em 1910, ao ser divulgado o livro de reminiscências, ainda estavam vivos muitos dos antigos combatentes, colegas e contemporâneos de Villagran Cabrita. E, todavia, não se tem notícias de que algum deles se tenha manifestado contrário ao testemunho escrito de Dionísio Cerqueira.

Com efeito, nas numerosas páginas de sua *Correspondência* e nas menos copiosas do *Diário*, ambos escritos em certo período do início da luta fratricida, Villagran Cabrita, ele mesmo, sem jactância, propósito ou idéia de proveito, mas, ao correr da pena, livremente, com a maior naturalidade, espontaneidade, deixou patente quão bondoso, austero e nobre ele era de fato, qualidades essas, entre muitas outras, que sua mãe e a esposa — suas correspondentes habituais — estavam acostumadas, diuturnamente, a constatar e a sentir, jubilosas; e com as quais, ele, filho e marido, as envolvia, com tanta ternura e devotamento.

Um observador perspicaz, ao registrar com três adjetivos qualificativos, um advérbio de tempo, um pronome e dois verbos a sua opinião pessoal, em duas únicas linhas de um livro de memórias, delineou, magistralmente, o perfil daquele que, por seus atributos, virtudes e exemplos de vida, viria a ser aclamado Patrono da Arma de Engenharia, aquele bravo militar, comandante, chefe e líder, que já era, de há muito tempo, o men-

tor e o paradigma dos integrantes dessa briosa Arma de nosso Exército.

A CORRESPONDÊNCIA E O DIÁRIO DE GUERRA DE VILLAGRAN CABRITA

João Carlos de Villagran Cabrita, Major de Artilharia, Instrutor de 1ª Classe de sua Arma na Escola Militar e Fiscal do Batalhão de Engenheiros, embarcou, no Rio de Janeiro, com o grosso do Batalhão, o seu terceiro escalão expedicionário, para juntar-se às forças brasileiras já em território rio-plantense e para participar, ativamente, da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai.

Ausente de casa, esforçou-se por manter a família, parentes, amigos e conhecidos bem a par do que lhe acontecia, daquilo que presenciava e do quanto lhe era dado ficar sabedor. Escreveu sobre as peripécias das jornadas, a vida nas marchas e nos acampamentos. Referiu-se às missões recebidas e como elas eram desempenhadas. Não escondeu as provações porque iam passando nossas tropas. Deu notícias, não apenas suas, mas, também, de colegas, parentes, amigos e conhecidos.

Para seu próprio uso, em caderneta de notas, foi registrando numerosas ocorrências, desenroladas, seguidamente, quase dia-a-dia, durante certa época do começo da cruenta e prolongada guerra. Essas anotações devem ter-lhe servido, sem dúvida, de me-

mento para se guiar na hora de regir as suas cartas.

O *Diário*, a que Villagran Cabrita intitulou "Itinerário", consoante as usanças de então, caracteriza-se mais pelo seu aspecto de informativo militar.

Nele acham-se consignados: navios de guerra e de transporte, passadio, alvorada, levantamento de acampamentos, etapas e duração de marchas, condições atmosféricas e do terreno, Unidades, Grandes Unidades e efetivos, preparo de passos, travessias, material de pontagem, tropas e material que atravessam, idas e vindas de Tamandaré, notícias sobre o inimigo e as tropas aliadas, vilas, povoações e lugarejos, pessoas isoladas, população, notícias e boatos, paraguaios passados e aprisionados, gêneros alimentícios e os preços cobrados no "comércio", desempenho dos integrantes do Batalhão de Engenheiros e suas missões, especializadas ou não, nomes de oficiais e de personalidades. E nada destituído de importância e de interesse. Continha novidades, nem sempre encontradas nos diversos autores.

Gasta nisso uma, duas e mais linhas. Usa de linguagem sóbria. Raras vezes se estende sobre os assuntos. É objetivo e direto. Certa ocasião, apenas uma palavra: "choveu", por demais eloquente, porquanto quis deixar notório que, motivado pelo aguaceiro, coisa alguma se pudera fazer naquela jornada.

Dado o seu caráter de informativo militar, o *Diário* muito representará

para a história do 1.º Batalhão de Engenharia de Combate (1.º B E Comb — Batalhão Villagran Cabrita), herdeiro e continuador do Batalhão de Engenheiros, caso o seu arquivo nada ou pouco registre a esse respeito.

Villagran Cabrita remeteu 28 cartas para a esposa, algumas delas bem longas e circunstanciais, e dois bilhetes para o filho, criança recém-alfabetizada, de uns oito anos de idade.

Desconhecem-se, desafortunadamente, os conteúdos das missivas endereçadas a outros destinatários, cujos nomes ele consigna em suas cartas. E essas e outras pessoas citadas em suas epístolas são, em grande maioria, de impossível identificação nos tempos atuais, uma vez que foram referidas, apenas, pelo nome de batismo ou pelo apelido, este, só costumeiro na intimidade familiar, ou nas rodas de amigos mais chegados.

Buscou manter atualizados a *Correspondência* e o *Diário*, que a ambos deu início no mesmo dia em que aportou em Montevideu: 11 de junho de 1865.

O último lançamento no *Diário* ocorreu em 10 de dezembro de 1865, feito no acampamento além do arroio Sombreiro e já no exercício do cargo de comandante do Batalhão de Engenheiros, embora em caráter particular. Datou sua carta derradeira de 15 de março de 1866, assinalando que se encontrava acampado na cidade argentina de Corrientes, no desempenho de afanosa e urgente missão, ordenada pelo General Osório, pessoalmente.

Nenhuma nota explicando a interrupção definitiva, posto que involuntária. Não se sabem, por conseguinte, os motivos que forçaram o redator a suspender os seus trabalhos com a pena. Ele próprio, todavia, vez por outra, alega que lhe vai escasseando o tempo livre; os encargos, sempre aumentados; a responsabilidade, cada dia crescente; o esforço físico, intenso e continuado, durante as jornadas, a exigir mais repouso para o corpo moído de cansaço; e ele não queria se afastar por muito tempo dos lugares em que as frações de sua Unidade se encontravam empenhadas em diferentes tipos de serviço.

Na *Correspondência*, de cunho pessoal e íntimo, Villagran Cabrita como que se desnuda. Manifesta-se o homem e o profissional que realmente deveria ter sido, e o foi, de fato: de bom coração, caráter, sensível, amigo, companheiro, colega, leal, franco, disciplinado, disciplinador, justo, zeloso, interessado, preocupado, compreensivo, educado, reto, humano, trabalhador, ativo, patriota, pundonoroso, soldado, chefe e líder, vibrador, sem esmorecimento, modesto, cordial, sensato, bom conselheiro, apaziguador, amantíssimo filho, esposo e pai.

Em seus escritos, não rememora o período passado como instrutor no Exército paraguaio, em 1851 e 1852. Não alega méritos próprios capazes de o terem designado para desempenhar essa missão de duplo caráter: diplomático e militar. E, por ter permanecido na terra guarani por mais

de 13 meses, não se arvora em profundo conhecedor de assuntos sobre aquela República. E só ligeiramente haverá de se referir ao que constataria durante a sua estada no estrangeiro. Tudo quanto precisara revelar à esposa, é evidente, já tinha contado a ela, com todos os pormenores, sem fugir a seus pedidos de esclarecimento. Não deixou, porém, de dar suas alfinetadas em certos costumes e crendices dos guaranis.

Não invoca a sua classificação na Escola Militar e no Batalhão de Engenheiros, comissões privilegiadas, todos o sabiam, como devida à sua competência e tirocínio. Assim também não faz praça de sua experiência, conhecimentos e dedicação, de vez que se encontrava, por tanto tempo seguido, exercendo aquelas funções de instrutor e fiscal, e, em algumas oportunidades, de comandante interino. Não se tem na conta de insubstituível. Nada obstante, manifesta que gostaria de permanecer mais tempo ainda no exercício dessas mesmas funções.

O que Villagran Cabrita escreve sai-lhe da pena, sem retoques, com a espontaneidade ditada por seu coração generoso, de homem de sentimentos e mente aberta. Tudo vinha a ser a expressão da verdade. Como tal, deve ser considerado, também por todos nós, nos dias que correm.

Villagran Cabrita fala de si próprio. Como não? Porém, mais, para responder ao que ela, a esposa, escrevera perguntando, afirmando, ponderando, aconselhando, ou até, para bolir com os sentimentos dele.

Ele fala, bastante mesmo, sobre os companheiros e a respeito do “seu” Batalhão. Cita os boatos, lá denominados “rodela”. Desdiz inverdades antes circuladas. As notícias que ele envia são notícias boas. E a esposa, solícita e solidária, saberá transmitir-las às esposas e famílias interessadas, saudosas como ela mesma, e sempre ansiando por ler ou inteirar-se do conteúdo de correspondência vinda de tão longe, demorada, embora não dirigida a elas expressamente.

Aos oficiais, de qualquer posto, cujos nomes completos ela conhece bem, porque acostumada a ouvi-los pronunciados, refere-se ele por seus nomes de guerra, apenas. Por vezes, até pelos apelidos. Ótimas revelações faz nesse terreno, porquanto, sem tê-los consignado em seus escritos, uns e outros ficariam ignorados para sempre.

Não esconde da esposa o quanto está ganhando, em libras esterlinas ou em bolivianos, se em ouro ou em prata. Dá-lhe, prático e gentil, a cotação, no Rio de Janeiro e no da Prata. Remete-lhe o mais que pode, tão logo dispõe de portador idôneo e de confiança. O nome dele e a quantia remetida vão escritos na carta. Guarda pouco para seus gastos pessoais e deixa essa soma registrada no texto. Suas necessidades são mínimas, assim como as suas exigências. E ainda presta favores aceitando ser correspondente de um ou outro conhecido, a quem passa a entregar, mês a mês, umas quantas libras esterlinas, como mesada, a serem pa-

gas à esposa, no Rio de Janeiro. E reza para não levar calote.

Mostra-se revoltado com os preços que o “comércio” cobra pelo necessário ou pelo supérfluo. E, a cada passo que dão para a frente, rumo ao Paraguai, os negociantes elevam esses preços. Adverte a esposa, todavia, que, com os gêneros e mais a ração de carne distribuídos, procura pôr-se a salvo dos vendedores de variadas nacionalidades, porém de ganância igualada. Para ela ter uma idéia e poder comparar, fornece-lhe uma curiosidade: a relação de comestíveis e preços, de lá e daqueles de que se lembrava, correntes no Rio de Janeiro, antes de seu embarque para o Sul.

Escreve que se regala, de cada vez, com generosas porções da goiabada que ela remete, guloseima rara por lá, de qualidade ruim e, quando aparece, com preço exorbitante.

Certo dia, é roubado. O desertor leva-lhe dinheiro e, também, objetos de uso bastante necessários. A quantia foi pequena, porque, nas vésperas, remetera dinheiro para o Rio de Janeiro. Não se volta contra o larápio. Compreensivo, diz, tão-somente, que ele devia ter gostado da vida no campo e resolvera instalar-se, devidamente, no vilarejo mais próximo.

Terminado o seu estoque de certo medicamento homeopático, assevera que não se apertara. Medrava pelos campos afora a “bisnaga” e seus soldados colhiam boa quantidade para ele. Surtia o efeito desejado, era de fácil renovação e nada lhe custava. A natureza generosa a lhe propiciar,

com facilidade e fartura, o tratamento de que necessitava.

Seu filho pequeno não lhe sai da lembrança. Diz não poder ver petiscos nos campos sem lhe dar vontade de pegar um para o menino. Junta figurinhas, caixinhas com estampas, dinheiro estrangeiro, em papel, e os remete para o filho.

Reclama do muito dinheiro gasto pelo Brasil em benefício, principalmente, dos argentinos, que, declara ele, se arvorarão, mais tarde, em únicos ganhadores da guerra.

Certa feita, irônico e divertido, procurando incentivar parente seu que pleiteava um cargo governamental, sem êxito mas, parece, que forceje, pois "Não se pegam frutas às bragas enxutas". Usa, assim, um ditado antigo, expressivo, mas pouco empregado atualmente. De outra vez, para o mesmo indivíduo, pelo idêntico motivo, alerta-o que ele deve ser "C D F", mas escreve isso por extenso e sem aspas. Vê-se, desse modo, que a expressão, usual, mormente nos meios estudantes, já tinha curso livre e intenso naqueles recuados tempos.

Não se pode conter. Em cada carta, referências às saudades. Aos votos que faz para que tudo logo termine, a fim de que ele possa voltar para casa, a abraçar seus entes queridos. Chega, até mesmo, a confessar que, não fora a pecha de covarde e de desertor, o dever a cumprir e o exemplo a dar, ele se mandaria para o Rio de Janeiro, em busca do tranqüilo re-

gaço da família.

Reserva uma estocada para Tamandaré. Diz que seus navios, anunciados como a subir e sempre subindo, jamais chegavam até onde se encontravam as forças terrestres.

No entanto, sabe registrar-lhe uma espécie de louvor, ao se referir à ponte construída, a instâncias do Almirante, com as embarcações alugadas pelo mesmo, o qual, interessado e alegre, passava longo tempo à margem do rio, acompanhando a montagem da estrutura desse meio contínuo de travessia.

Nada tolhe a Villagran Cabrita a espontaneidade e o natural desejo de noticiar. Por conseguinte, cita os nossos acampamentos sucessivos, descreve-lhes a desorganização, só superada pela dos argentinos. Enumera as etapas alcançadas, fornece as léguas percorridas em cada uma, os altos para o repouso, os estacionamento forçados pelos aguaceiros, os acidentes e incidentes do percurso, os locais e localidades, os alagados, os cursos d'água, os vaus, as travessias, e o material de pontagem utilizado e o disponível. Fala sobre diversas unidades, seus efetivos, armamento, comandantes e oficiais, o estado sanitário da tropa, e as baixas aos hospitais.

Quantas informações veicula! É de esperar. Inexistem normas regulamentadas da correspondência vinda do teatro-de-operações. Não se dispõe, então, de um serviço de censura postal, para expurgar das cartas os segredos, indevidamente ou não, embutidos nas notícias de fundo mi-

litar. Disso resultou terem, agora, a seu alcance, os historiadores de nossa Arma de Engenharia uma ótima fonte de informações, a ser explorada em seus escritos e palestras.

Mostra-se, Villagran Cabrita, por palavras, frases e orações, um homem temente a Deus, conformado com a sua vontade e desígnios. Devoto de Nossa Senhora, ele, lá longe, sozinho, saudoso dos seus, não a esquece em suas orações, confiante em sua intercessão e valimento infalíveis.

Vez por outra, com a maior simplicidade, deixa extravasar todo o entranhado espírito-de-corpo de que está possuído, ao falar do "seu" Batalhão de Engenheiros, dos oficiais, inferiores e demais praças que o integram, das missões recebidas e cumpridas, das provações por que todos passam, do desempenho na árdua Campanha, e do conceito favorável desfrutado, à custa de labor intenso e contínuo, quer como soldados combatentes, quer como técnicos militares.

Em palavras singelas e frases desataviadas, percebe-se quão veemente e justificado o seu sentimento de puro orgulho, ufanismo, sem dúvida, em servir nessa unidade ímpar, e, mais tarde, em comandá-la.

Mas, como soldado, chefe e líder, imbuído da noção de justiça, se acaso louva, exalta e difunde as boas coisas, também não poupa as censuras e as críticas ao mau proceder de alguns, entre eles, o próprio comandante da unidade, seu predecessor. E, cioso do bom nome do Batalhão, esforça-se para que não haja reper-

cussões negativas fora de seus restritos âmbito e fileiras.

Dessa *Correspondência*, 28 cartas destinaram-se à esposa, pessoa bem a par do quanto se passara, lá na Praia Vermelha, durante o tempo de paz, em vida de pequena guarnição, conhecedora dos oficiais que ali tinham servido, dos que ainda integravam o Batalhão e a Escola, e tinham seguido juntos para a guerra. O marido já contava cerca de 10 anos ininterruptos como instrutor e arregimentado. Era bem antigo no Estabelecimento e na Unidade, pois vinha ali servindo desde quase a sua criação, instalação e organização, em 1855.

À vista do exposto, pode-se concluir que as palavras lançadas no papel de carta só podiam e deviam ter o mesmo sabor e entendimento que aquelas pronunciadas por Villagran Cabrita para a esposa, em momento de grande intimidade, a dois, quando ele discorreria sobre os imprevistos das jornadas, citaria nomes de guerra, postos e apelidos, repetiria as bisbilhotices circulando pela reduzida guarnição praiana carioca, contaria as aperturas econômicas de uns e outros, e analisaria as contingências da vida dos companheiros casados. Esperaria, então, ouvir os comentários dela, para debaterem os tópicos mais importantes. E ouviriam, atentos, deveras interessados, os conselhos, as sugestões, os pontos de vista, a orientação e a opinião que um e outro esposo se daria, por causa disso, daquilo e daquele. Exatamente como ele próprio ia fazendo nas cartas a

ela remetidas. Desse modo ambos se sentiriam distanciados apenas geograficamente.

O serviço continuado, estafante, em condições adversas, e a exigüidade do tempo ocioso forçavam a que somente uma única missiva fosse dirigida e só à esposa. Vinha ela, porém, e freqüentes vezes, com a ressalva, escrita, de que a mãe dele a tomasse como sua e a lesse também. Daí, poder-se classificá-la como correspondência particular, absolutamente pessoal e reservada. Villagran Cabrita, ao escrevê-las, não cuidou que as cartas fossem divulgadas, ou, muito menos, publicadas. Seu conteúdo, pelos tópicos pessoais, bastante íntimos, por vezes referidos, mostrava que elas não se destinavam a outro público. Seu âmbito de circulação e divulgação deveria ser o estritamente familiar.

Por isso mesmo, pela naturalidade com que foram redigidas, e também, sem reservas, e para as leitoras a que se endereçaram, maior veracidade se deve creditar às alusões de Villagran Cabrita relativas ao Batalhão de Engenheiros e às demais notícias que veicula.

Suas duas leitoras favoritas estavam bem ao corrente da vida realmente no Estabelecimento e na Unidade, do desempenho de seus integrantes, e de suas qualidades pessoais e funcionais.

Mentir para essas duas pessoas tão amadas, que acreditavam nele piamente? Inventar fatos ou adulterá-los? Contar vantagens ou bravatas, au-

mentar o que se passava em campanha, para as duas leitoras, tão qualificadas e sabedoras das coisas? Com que intuito? Para que elas próprias o elogiassem em carta de resposta? Para que a esposa e a mãe, maravilhadas, repetissem as mesmas notícias que ele mandava e o enaltecessem perante o pessoal aparentado ou de suas relações de amizade? Para ouvirem elas duas, por sua vez, comentários ou elogios que lhes agradassem? Seria como o "elogio nas costas do pernoite". De nenhum valor, ou, talvez, de valor negativo, contraproducente, e expondo as duas ao ridículo.

Fique-se certo de que, caso fosse intenção de Villagran Cabrita dar conhecimento mais amplo que o estritamente familiar, ou, quem sabe, publicar os textos das cartas, ele teria, então, melhorado a redação delas, acrescentado outros tópicos, todos de interesse geral, distribuído adjetivos qualificativos em penca, e seria bem mais prolixo e pormenorizado.

Mas, não. A intenção de Villagran Cabrita era dar um relato ao seu limitado e muito amado público: sua esposa e sua mãe. E ao filho pequeno, outrossim, como o fez em dois bilhetes personalizados, com o nome completo e o endereço de seu infantil destinatário. Desse modo fica-se sabendo onde a família morava.

As duas mulheres, emocionadas ao receberem as cartas, ao lerem as notícias nelas contidas, ao reverem a letra do querido ausente, sabiam, de sobra, quão verdadeiras e justifica-

das eram as ufanias do missivista. E acreditavam nele.

Em anos bem recentes, o nome ilustre de Villagran Cabrita viu-se alvo de merecida homenagem: a sua inclusão no rol de Patrono e no de uma de suas Cadeiras, a de n.º 75, do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, na ocasião em que seu número foi aumentado, a fim de poder acolher, reverentemente, os nomes consagrados de mais alguns de nossos escritores, de militares de prol, e de heróis da Pátria.

Seus *Diário* e *Correspondência*, do tempo da guerra, permanecem integralmente inéditos. Tão logo dados à publicidade, será possível constatar, de modo satisfatório, que Villagran Cabrita, a par dos relevantes motivos por que foi considerado merecedor daquela homenagem por parte do Instituto, gozará de mais uma outra razão, de igual relevância: poderá ser apresentado com foros de escritor e historiador militar. Seus escritos, redigidos com singeleza e espontaneidade, sem a menor preocupação que não fosse a de se comunicar com os que lhe eram tão queridos, constituem, na realidade, a meu ver, preciosas fontes de informação, fontes primárias, do maior crédito, sobre o conflito de tantas vidas. Vidas de irmãos, inestimáveis e insubstituíveis.

VILLAGRAN CABRITA ENFRENTA ANGUSTIANTE SITUAÇÃO

A reforma do Tenente-Coronel

Graduado Francisco de Paula de Avelar Cabrita, por incapacidade física definitiva, esperada como inevitável, há algum tempo, só seria divulgada, oficialmente, no entanto, a 7 de março de 1839.

Esse ato, embora rotineiro e de caráter essencialmente administrativo, mas de efeito inexorável, causaria repercussões várias, algumas de ordem material, e outras, de ordem psicológica. Pois a reforma viria a acarretar um decréscimo sensível nas possibilidades econômico-financeiras dos Cabrita. Se eles já estavam preocupados, antes disso, com o estado de saúde do chefe da família, agora, além dessa preocupação, passariam a ficar mais sobrecarregados com outras, referentes às despesas extraordinárias com o seu tratamento e muitos cuidados.

Com a passagem para a inatividade forçada, sem ter obtido a promoção ao posto imediato ou a efetivação na-quele a que até então atingira como graduado, o soldo do Tenente-Coronel Cabrita iria sofrer duros cortes previstos na legislação vigente.

Os Cabrita depositavam confiança no senso de justiça do monarca adolescente e no daqueles que governavam em seu nome. Sabiam que as dificuldades pecuniárias por que passavam não durariam muito tempo nem seriam sempre tão grandes. Havia, ainda, uma boa possibilidade, uma esperança de melhoria. Tinham conhecimento de que súditos leais nunca haviam sido desamparados pela munificência régia ou imperial.

A família Cabrita considerava como certo que seu chefe seria aquinhoadado, sem favoritismo, com a concessão de uma tença, pois que fora ferido em combate na Europa, consagrara-se como herói na defesa encarniçada de praça de guerra na Cisplatina, e evidenciara-se dedicado servidor desde a juventude. O Hábito da Ordem de Cristo, expressivos elogios e condecorações atestavam o mérito de quem os recebera.

A tença, um galardão, uma recompensa pecuniária em reconhecimento a serviços prestados e por ter sido agraciado com aquele hábito, uma melhoria no soldo não seria recebida de imediato. Havia, costumeiramente, uma demora de cerca de um ano, entre a formulação da proposta, a tramitação do processo durante o julgamento do mérito, a aprovação no Legislativo, o registro do título, a publicação oficial e a percepção do prêmio.

O Tenente-Coronel Cabrita dedicara, com inteira exclusividade, mais de quarenta e quatro anos de sua existência ao serviço ininterrupto da caserna, e deles, pouco mais de vinte em atividades bélicas dentro e fora do país, o de seu nascimento e o de sua adoção, Portugal e Brasil.

Contando, agora, cinquenta e nove anos de idade, sentindo-se, praticamente, no fim da vida, bem que estava necessitando e fazendo jus à inatividade. Porém, ela viera de modo compulsório, encontrando-o doente e alquebrado.

Que ao menos essa dura contingên-

cia da vida militar se verificasse sem quebra de dignidade, isenta de humilhação, livre de decréscimo sensível em seu padrão de vida social, familiar e doméstica. Era o que esperavam, ele e todos quantos dele dependiam pecuniariamente.

Nesse estágio da existência e pela precariedade de seu estado de saúde, o encanecido soldado não se encontrava em condições de enfrentar a situação, buscando equilibrar a abalada economia doméstica com a obtenção de outra fonte de recursos.

Villagran Cabrita, João Carlos, filho extremoso, dava-se conta de que seus genitores, de muita idade, doentes, prostrados, estavam precisando, mais do que nunca, de toda a ajuda que ele lhes pudesse prestar. O jovem também se preocupava, afligia-se, mesmo, com o bem-estar material e psicológico dos seus entes queridos. Compreendia já ter atingido idade suficiente para dar maior assistência aos pais, concorrendo com dinheiro para a própria manutenção e a da família. Cabia-lhe, agora, a oportunidade de efetivar tal assistência, indo buscar uma nova fonte de renda, a receita suplementar de recursos, a fim de ser mantido o padrão econômico desfrutado pelos Cabrita até aquele momento e pouco antes da reforma.

No entanto, ele se perguntava: que atividade, emprego, trabalho ou profissão lhe renderia o quanto necessitava em dinheiro, prontamente, ou em prazo bem exíguo? Desafortunadamente, ele mesmo conhecia a res-

posta: nenhum deles. Porquanto a ajuda a prestar em casa era para aquele exato momento. Não se tratava, aliás, de uma solução de emergência, temporária, mas, sim, de medida em caráter permanente, e o mais duradoura. Não podia, por conseguinte, dar-se ao luxo de esperar mais tempo. E, quem sabe, já esperrara por demais.

Volvia ele, repetidas vezes, ao seu cismar. Perguntas lhe ocorriam e procurava, em sua mente, encontrar e dar-lhes resposta cabível.

Não seria má idéia conseguir um emprego. Dispondo dele, embora modesto, receberia algum dinheiro. Não muito, é verdade, mas seria de pagamento certo. E no fim do mês de trabalho ou no princípio do seguinte. E, quem sabe, teria cama e comida no próprio local de suas atividades.

Habilitações intelectuais para um trabalho melhor? Essas, não lhe faltavam.

Capacidade física? Ora, era jovem, vigoroso, morigerado, saudável, com disposição. Mourejar o dia inteiro, até a noite, era coisa que não o impressionava.

Mas, era mister guardar as aparências o mais possível. Como não? Um emprego qualquer seria inaceitável. A família não se encontrava em situação de penúria, de miséria ou de indigência, graças a Deus. Precisava ela era de uma suplementação de verba para se manter, apenas, e poder satisfazer pagamentos de despesas correntes, inevitáveis, inadiáveis.

Em conclusão, tratava-se da saúde do pai.

Afinal de contas, perguntava-se o jovem, depois de muito matutar: como obteria ele um emprego aceitável, de pronto, com cujo ordenado pudesse reajustar o desequilíbrio orçamentário.

Não lhe era desconhecido que o Império vinha atravessando um período de sérias dificuldades. Revolução no Norte. Efervescência política aqui e ali. O Governo era exercido pela Regência, em nome do Imperador-menino. Aliás, debatia-se, com fervor, o problema da Maioridade. No Sul, uma guerra que já se prolongava há quatro anos. Os recursos do Tesouro se iam exaurindo. Como, então, encontrar um emprego aceitável, de imediato?

Quantos outros jovens, e homens de mais idade, não estavam nas mesmas condições econômico-financeiras que ele? E aqueles que, ainda por cima, tinham sua situação agravada pela imperiosa necessidade de prover o sustento familiar completo e instantâneo?

Além do mais, pensava, quaisquer dessas soluções não o estaria afastando do chamamento, da vocação, da carreira com que sonhava, aquela que sempre almejava seguir? Deveria ele sacrificar-se a tal ponto? O dever filial, o amor a seus pais podiam impor-lhe tamanho desprendimento?

Era, sem dúvida, uma situação sobremodo angustiante.

Nada obstante, quantos outros jovens, nas mesmas condições, emba-

lados no sonho de melhoria no emprego, considerado por eles como de caráter provisório, não se deixaram desviar da carreira definitiva, aquela em que atingiriam o seu ideal?

Que fazer? Haveria outra solução? De que forma sairia do impasse? Como poderia ele, filho único de pais idosos, doentes, estafados, ajudá-los, dar-lhes contentamento, acalmar-lhes as preocupações, torná-los orgulhosos de sua escolha e resolução, e, ao mesmo tempo, sem prejudicar a carreira de seu agrado e de livre escolha?

Recorrer aos parentes de seu pai, os do ramo mais velho da família Avelar Cabrita, moradores, também, aqui na Corte? Quem sabe? Mas, por quanto tempo seriam capazes de ajudar, ou sentir-se-iam propensos a fazê-lo? Poderiam ou desejariam prestar assistência? Não! De forma alguma, esse não podia ser o caminho a trilhar. A solução ideal não seria encontrada mediante tal processo.

O Tenente-Coronel Cabrita, em acordo com a vasta experiência que a vida lhe concedera, nada dizia. Não reclamava nem se lamentava. Aguentava firme em seu posto. E deixava os pensamentos voarem livres. Aquela fora a carreira de sua escolha. E tudo que alcançara devia ao Exército e sempre se manifestara grato por isso. Lembrava-se de que já se encontrara em piores situações, quando solteiro, sozinho, e também, nos primeiros tempos de casado. Passara ao relento, no campo, em marchas, na defesa de povoação que guarnecia, nos estacionamento, em combates,

enfrentando sol, chuva, inverno, fome, inimigos, balas, ferimento e hospital. Tudo passara. Era, então, jovem, saudável e esperançoso. Agora, todavia, nessa quadra da vida, as condições estavam bastante mudadas. A saúde se abalando, a velhice pesando, sentindo a proximidade do fim, tornando-se entrave, a família aumentada, as obrigações crescendo.

Todas essas considerações iam agindo em sua mente, e obrigavam-no a pensar com mais frieza. Começavam a surgir coisas inevitáveis, fora de seu alcance em solucioná-las. Entre elas, no entanto, havia algumas que poderiam ser enfrentadas e resolvidas por seus familiares. Passava revista nelas, sem pressa. Todavia, ele continuava calado, imerso em seus pensamentos e sofrimento, deixando a mente divagar. Fosse como fosse, não queria forçar o filho a tomar qualquer decisão precipitada. Ele conhecia bem o rapaz. Sabia-lhe a vocação. Por que atrapalhar? Via estampada na fisionomia do jovem as marcas mais recentes de um novo desassossego. Tinha certeza de que a decisão do filho, ponderada e livre, não tardaria em se manifestar.

A SOLUÇÃO ENCONTRADA POR VILLAGRAN CABRITA

E Villagran Cabrita, por seu turno, continuava a cismar; qual seria a satisfação, o justo orgulho paterno e envaidecimento natural, em saber que seu filho único, o futuro arrimo da família, estava resolutamente decidido a seguir os passos do avô e do

pai, escolhendo e abraçando a mesma carreira que eles, na qual, ele próprio sabia, haveria de destacar-se na sociedade e na profissão, teria seus dias garantidos, e poderia vir a ser o amparo dos seus entes queridos em suas necessidades, velhice e doença?

Não parava af e prosseguia em seus pensamentos. Os pais viveram em aperturas? Os de sua classe pensaram com soldos minguados a vida toda e, por vezes, em grande atraso? E não fora custoso viver tanto tempo com soldo apertado, mal dando para satisfazer os compromissos imediatos? E não fora difícil buscar não comprometer o bom nome da classe, e o seu próprio, evitando converter-se em mau pagador, contraindo dívidas acima de suas posses, e deixando-se enredar por insensíveis e gananciosos agiotas? Quantos colegas seus não tinham capitulado, movidos por circunstâncias adversas?

Sim, de fato. Não obstante, o estado de coisas mostrava tendência para modificar-se. E já vinham apresentando modificações. Sempre para melhor. Educação mais aprimorada, por exemplo, ele próprio, Villagran Cabrita, já recebera. Moravam, agora, de modo mais que permanente, em uma grande cidade, a capital de um Império. Desfrutavam de comodidades antes inacessíveis. Novos tempos estavam surgindo. Reformas já se esboçavam. Outros homens estavam se impondo como chefes militares, dirigentes políticos e administradores. Possuíam eles mentalidade mais aberta para encarar, en-

frentar e resolver os problemas e os fatos. Nova formação profissional ia sendo introduzida na classe a que ambicionava pertencer.

Villagran Cabrita passou revista em todos os acontecimentos familiares dos últimos tempos. Comparou as condições em que seus pais se encontravam com as de outras famílias de militares e com as de algumas de civis com que conviviam. Analisou todas as circunstâncias, que, aliás, já eram de seu pleno conhecimento. Pensou muito a respeito. Não ignorava que as vicissitudes pelas quais o pai estava passando, juntamente com a família, solidária em tudo, eram contingências da vida, que poderiam alcançar qualquer um, indistintamente, não importavam a idade ou a profissão. Seriam mais intensas para uns do que para outros. Apenas isso. E as reações também difeririam.

Entre suas muito freqüentes considerações encaixara-se uma idéia fundamental: não devia esquecer-se de que o estado psicológico vivido, principalmente pelo pai, avultava sobre aquele de caráter puramente material que estava influenciando a família toda.

Pesou, refletidamente, as possibilidades que se lhe apresentavam. Durante cerca de dois meses, afligiu-se na busca de uma solução, de resultados positivos, aceitável e compatível com o que tinha em mira. Circulou, sondou, observou, ouviu com renovado interesse. Chegou, por fim, a uma conclusão, através de raciocínio simples e lógico. E foi este: se não

podia concorrer, com o que fosse, para o aumento de dinheiro para as despesas, era obrigação sua, ao menos, deixar de constituir uma parcela nos gastos com a manutenção familiar.

Após ter concluído que não deveria representar um peso no orçamento doméstico, eis que a solução definitiva para o problema surgiu-lhe clara. Podia ser alcançada imediatamente. Constituiria motivo de satisfação e orgulho paterno. Despreocuparia as mentes de seus aflitos e idosos pais. Resolveria, mais do que certo, a questão pecuniária. Acima de tudo, não o levaria a sacrificar a sua própria vocação.

Por isso mesmo, não titubeou. Foi ao encontro dos pais. Declarou o que pretendia fazer. Conversaram muito. Ao final, pediu-lhes a opinião.

O Tenente-Coronel Graduado Francisco de Paula de Avelar Cabrita e D^a Polônia de Villagran Cabrita concordaram, sem exitar. Radiantes, aprovaram o propósito do filho e deitaram-lhe sua bênção.

João Carlos de Villagran Cabrita encontrava-se sozinho na sala. Escolheu uma folha grande, de papel branco, sem pauta. Pegou da caneta. Examinou-lhe a ponta da pena. Limpou-a, cuidadosamente. Tornou a examiná-la. Estava em boas condições. Era quase nova, de fato. Não arranharia o papel nem mesmo faria borões. Destapou o tinteiro. A tinta pareceu-lhe recentemente vazada nele. Limpa, não apresentava borra alguma. Só após essas precauções preliminares, sentou-se à mesa. Estava pronto para lançar a sua decisão no papel. Um grande passo ia ser dado.



LUIZ GONZAGA DE MELLO — Aspirante-a-Oficial (Engenharia — Turma de 1939) pela Escola Militar do Realengo. Ajudante-de-Ordens do General-de-Divisão Cristóvão de Castro Barcelos, Inspetor do 3º Grupo de Regiões Militares, Presidente da Comissão Militar Mista Brasil-Estados Unidos e Chefe do Estado-Maior do Exército (1943-46), foi nomeado para lecionar Inglês no Colégio Militar do Rio de Janeiro. Concurado e efetivado, permaneceu no Magistério do Exército, de março de 1946 a julho de 1980, quando se reformou, no posto

de Coronel. Antes da reforma e depois dela, foi Diretor do Centro de Estudos do Colégio Militar do Rio de Janeiro, e da Revista Didática, seu órgão de divulgação. Chefiou, ainda, como convidado, a Subcomissão de Levantamento Histórico do mesmo Colégio. É sócio efetivo do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (IGHMB). Primeiro ocupante da Cadeira n.º 75, que tem o Tenente-Coronel Villagran Cabrita por Patrono, transferiu-se, oficialmente para a de número 53, cujo Patrono é o Coronel Ricardo Franco de Almeida Serra, no propósito de reencetar os trabalhos do seu antecessor, General-de-Exército Reformado Raul Silveira de Melo, o achador dos preciosos restos mortais de Ricardo Franco, e seu ilustre biógrafo. Cavaleiro da Ordem do Mérito Militar, possui as medalhas Militar (passadeira platina) e Marechal Trompowsky.